

Os usos da memória: os registros do Cônego Leitão sobre a cidade de Castanhal/PA.

EDIVANDO DA SILVA COSTA*

É nos idos de 1900 que o Cônego Luis Leitão projeta sua vinda ao Estado do Pará e aqui se instalar em Castanhal. A presença ilustre deste religioso em solo amazônico nos revelará uma série de acontecimentos que nos apropriamos a partir da análise dos registros por ele deixados no Livro de Tombo¹ da Paróquia de São José. Pretendemos percorrer os caminhos trilhados pelo padre a partir dos usos de sua memória e assim refletirmos as tramas e os enredos dessa história, para a compreensão do passado e da constituição da vila de Castanhal.

Não há como negar que a memória pode contribuir de forma substancial como fonte para a elaboração de pesquisas e ferramenta que nos auxilie na construção do conhecimento histórico. Le Goff já apontava que “a memória é a propriedade de conservar certas informações”. Portanto, a memória seria a capacidade que o ser humano tem de reter ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. É a habilidade que os homens têm de guardar e armazenar informações e de trazer à tona suas lembranças sobre o passado. (LE GOFF, 1990:419).

Assim, a memória se vai fazendo algo fluido, móvel, a oscilar em torno da relação presente-passado. Sendo a narrativa, o campo de expressão da memória, há permanente transformação do lembrado, em função da mudança dos relatos públicos: “Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar) e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo”. (THOMSON, 1997:51-84).

Em outras palavras, memória significa reviver ou lembrar experiências consistentes, ancoradas no tempo passado e que pode ser localizável. A memória pode se constituir de

*Edivando da Silva Costa, é graduado em História pela Universidade Federal do Pará. Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, UFPA. Professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação/PA.

¹ Livro de Tombo número 1 da Paróquia de São José de Castanhal, 1911. Consta em sua página de abertura a autorização do Arcebispo de Belém, D. Santino ao Reverendíssimo Padre Marcos Santiago, escrivão da Comarca Eclesiástica a abrir, numerar, rubricar e encerrar o livro que servirá de Livro de Tombo da freguesia de São José de Castanhal em 26 de março de 1911. E em resposta, o Padre Marcos Santiago, em virtude da autorização supra, abre, numera e rubrica com o apelido de Pe. Santiago – de que o uso deste livro de tombo destina-se para a freguesia de Castanhal, isto em 27 de março de 1911. O livro de Tombo fica guardado nas dependências da Igreja Matriz de São José, em Castanhal, situada no centro da cidade e teve no período de 1911 – 1922 que abrange os escritos do padre: Luis Leitão. Em suas condições materiais o livro encontra-se muito danificado, pois se trata de algo produzido no início do século XX, com suas páginas já amareladas e desgastadas.

elementos individuais e coletivos, fazendo parte das perspectivas do futuro, de utopias, de consciências do passado e das tramas dos indivíduos, seus interesses, motivações, projeções, etc.

Através da memória é possível fazer uma releitura do passado e compreender fatos históricos que trazem consigo inúmeros significados. Nesse sentido, a memória é, sem dúvida, um importante subsídio analítico, bibliográfico e metodológico para os historiadores e pesquisadores. Na tessitura da experiência narrada, o passado é (re) significado e o tempo marcado e usado socialmente, atendendo as necessidades do presente. Logo, como demonstra Portelli, para compreendê-lo devemos perceber as significações das diferentes temporalidades e suas relações entre os processos históricos. É necessário, além disso, entender como as pessoas significam, dividem e usam o tempo. (PORTELLI, 1997:13-49).

Tendo como suporte básico os escritos do Livro de Tombo, é fundamental levar em consideração que se trata de uma escrita inventariada pelo pároco da Igreja. Não se pretendeu, portanto, chegar a uma verdade a partir dela, pois este não é o ofício da história, mas sim, neste caso, compreender a partir da visão da autoridade religiosa a necessidade da construção de uma Igreja para a região e sua dinâmica política, social e econômica.

Memória da urbanização em Castanhal.

As informações referentes à história de Castanhal apontam que sua fundação está intimamente ligada à construção da estrada de ferro de Bragança, datando do ano de 1893 a instalação dos primeiros trilhos assentados no local (LACERDA, 1999:200). A construção da Estrada de Ferro, portanto, consolidou-se em um importante marco para o processo de desenvolvimento da região, ao estimular o surgimento de núcleos coloniais, sendo responsável pela colonização da vasta área entre Belém e Bragança, onde hoje se localiza o município de Castanhal. Lacerda nos indica que a “Estrada de Ferro de Bragança, foi um dos empreendimentos fundamentais para a estruturação dos núcleos coloniais no nordeste paraense” (LACERDA, 2010:326).

Inaugurada a estrada de ferro, restou-nos compreender os primeiros esforços empreendidos no processo de urbanização de Castanhal e a isto recorreremos às impressões

deixadas pelo Cônego Leitão no livro de tombo da Igreja. De acordo com seus registros, “na localidade havia uma feira indecente, onde pairava o comércio local, além de ser um lugar pouco respeitoso, por ser foco de jogatina [...], no que logo passou a ideia de demolir a feira”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:09). Assim, percebemos que havia por parte das autoridades locais a intenção de moralizar os costumes locais e de urbanizar a área, visando à reorganização do espaço.

É importante lembrar que tais ações higienistas que aqui vemos em uma pequena vila do interior do Pará, eram práticas correntes desenvolvidas nas principais capitais do Brasil, e a historiografia tem buscado dar conta desta realidade. Tomemos por exemplo, modernidade pela qual passou Belém no governo do intendente Antonio Lemos que “[...] em pleno período republicano, com o apogeu da economia da borracha, os representantes do Estado intensificaram a renovação estética da cidade”. (SARGES. 2010:153). Outro importante debate historiográfico que se debruça sobre as ideias de civilização e modernidade ² é de Sidney Chalhoub, (1996:15) discutindo o processo ocorrido no Rio de Janeiro, ao observar as ações empreendidas pelas autoridades políticas no cenário urbano da, então, Capital Federal. As transformações ocorridas na cidade carioca passaram pela ideologia da higiene, com a modificação de hábitos, a demolição de várias habitações coletivas, a fim de que a cidade ostentasse sua modernidade e desenvolvimento.

Assim, quando nos deparamos com as ideias do Cônego Leitão (em suas memórias escritas) de acabar com a feira que existia em Castanhal, compreendemos que não eram ações ou práticas isoladas, pois elas ocorriam em outros lugares do Brasil. É claro que, os estudos de Sarges e Chalhoub apontam realidades existentes nas grandes capitais do país, movidas pelos ideais de modernidade e civilização, mas que de certa maneira e em menor dimensão ocorreu também no interior.

Em seus escritos no livro do tombo, o padre conta que recorreu à secretaria do governo conseguindo “do Sr. José Moreira da Costa, empregado da repartição de Obras Públicas, a cópia da planta de uma Igreja, porventura, edificada em algum lugar do mundo civilizado”.

² Para maior entendimento sobre as ideias de civilização e modernidade ver: COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Virando Séculos: 1890 – 1914 – No tempo das certezas. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.

(LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:20). Assim, o registro do padre nos sugere que sua intenção era construir a Igreja pautada nos ideais de modernidade e que sua referência para tal empreitada seria o ideal de civilização presente em um determinado “mundo” exterior, nos indicando que se tratava de uma pessoa esclarecida e a par dos acontecimentos.

As informações extraídas das memórias do padre, referentes às características do local, sugerem ainda que “existia uma capela próxima à feira e que esta se encontrava em péssimas condições estruturais, a ponto de desabar a qualquer momento, entretanto, era o melhor local para se edificar um templo, porque ficava em uma praça vasta”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:10).

Ao que tudo indica, a construção de uma igreja seria parte integrante de um projeto motivado por interesses pessoais como forma de consolidar o padre como figura importante e influente na região. Isto é fundamental, pois nos permite compreender a percepção do Cônego Luis Leitão e seu posicionamento perante a sociedade, a forma como inseria os valores católicos na região e a função social que ela iria exercer, enquanto instituição formadora dos valores morais.

É nesse sentido que podemos compreender também sua atuação enquanto professor da região. É importante considerar que a educação era um dos compromissos na pauta de trabalho do governo da época. Em relatório, o então governador Augusto Montenegro assim se posicionava: “não ignoreis que tenho dedicado ao problema da instrução pública os meus mais perseverantes e dedicados esforços” (MENSAGEM 1903:30). Ao se referir sobre o processo de extensão do ensino para o interior, o então governador, em relatório datado de 1904, se pronunciava: “entrei em acordo com a intendência municipal: segundo este acordo, o governo estadual se obrigou a organizar 3 grupos escolares no Mosqueiro, Pinheiro e Castanhal e manter duas escolas nas vilas e uma nas povoações do município.” (MENSAGEM, 1904:45). Portanto, trata dos esforços das autoridades políticas no intuito de expandir o ensino para o interior do Pará, a partir do ideário republicano da ordem e do progresso, que em Castanhal terá início com a fundação do grupo escolar, do qual o padre Cônego Leitão será o primeiro diretor. Souza (2010: 30) nos lembra que “no ano de 1904, no

dia 12 de outubro, era inaugurado o Grupo Escolar de Castanhal (hoje Escola Cônego Leitão), ocasião em que estava em andamento a construção da Igreja Matriz de São José”.

Mas não só de práticas religiosas e do ofício educativo parece ter convivido Cônego Leitão em Castanhal, pois em seus escritos estão registrados alguns fatos que nos chamaram a atenção, por se tratar de conflitos envolvendo pessoas políticas influentes do local, nos quais o padre acabou intervindo. Assim é que através de suas memórias, pudemos compreender um pouco da movimentação política da região, em seus conflitos e jogos de interesses que pautavam o cotidiano de Castanhal. Cabe aqui ressaltar a figura do coronel Antonio de Sousa Leal, que nos é apresentado pelo padre como “cearense que emigrou para o Pará na seca do Ceará em 1877, veio com todos os seus irmãos, homens trabalhadores e dispostos, que por isto, mereciam da administração pública”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:28).

Ao que tudo indica, o Coronel Leal foi um dos desbravadores de Castanhal, fato que lhe propiciou importância significativa na vida política da região. Em se tratando da personalidade do coronel, o padre assim o caracterizou: “cearense notabilizado por seu gênio irrequieto, [...] pouco letrado, se não ignorante e desconhecedor das coisas, de modo que tudo resolvia a seu modo de agir”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:28) As práticas políticas do Coronel pareciam não agradar o Cônego Leitão, que descreve, em seus registros, dois casos por ele classificados de criminosos: um, relatando o espancamento de dois engenheiros, e outro relacionado a um determinado homicídio que aconteceu em Castanhal.

Por aquela época, Castanhal, pela importância dada pelo governo, fora elevada ao posto de *distrito judiciário*, motivo pelo qual lá se fazia presente um juiz letrado, bacharel formado em ciências jurídicas, o Dr. Manoel Buarque Pedregulho. De acordo com as informações do padre, tratava-se de “moço católico, presidente eleito da Conferência de S. Vicente de Paulo”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:29). Assim, ao que tudo indica, a função exercida deixava a figura de Antonio Leal em posição desconfortável. De acordo com o que descreve Cônego Leitão: “era o Castanhal uma feitoria do Coronel Leal. Uma ordem dele se executava, ainda mesmo fora da lei”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:29). Desse modo, segundo relatou o cônego, “certas pessoas iam se incumbindo de tornar odiosa a vida judiciária do Dr. Buarque até que em uma noite o moço achava-se em casa conversando com

outro senhor, e entrou pela porta da frente um covarde, espancando-o barbaramente.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:30).

Em seus registros, o padre conta que tal ação teria ocorrido a mando do Coronel Leal, pois assim ele se posiciona: “vi, pelo bárbaro espancamento, que a política local obedecia a um único plano – reconhecer o coronel como o único elemento encarregado de tudo na localidade”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:30). Pelos relatos deixados pelo padre, percebemos o povoado de Castanhal, como um espaço de constantes conflitos marcados possivelmente por disputas políticas das lideranças locais.

No entanto, é importante fazermos alguns questionamentos acerca desse fato e indagar sobre as motivações para o espancamento do juiz, e fazermos algumas considerações acerca do registro do padre. Quais as motivações do crime? Que indícios são levantados para incriminar o coronel Leal Sobrinho? É preciso insistir e deixar claro que se trata de uma memória do Cônego Luis Leitão e, portanto, trata-se de um acontecimento por ele representado, e descrito. Assim, mas do que saber se isto de fato aconteceu, interessa-nos perceber os sentidos que o Cônego Leitão deu a esta história, em que ele constrói para si a imagem de pacificador, de mediador para o término do conflito. Igualmente a história narrada sugere um cotidiano marcado por violências nessa região em virtude das disputas políticas.

Assim exposto, as informações presentes nos levam a entender que a presença do juiz poderia ocasionar interferências no plano de ações políticas do coronel Leal, pois, segundo o Cônego Leitão, a presença do juiz “caiu no desagrado do núcleo político e denominado ‘Antonio Leal’ que tinha já definido a vida social e política da localidade”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:29). Se os indícios apontados pelo padre indicam que o espancamento ocorreu como forma de intimidar o juiz a ponto de demonstrar quem realmente possuía o poder sobre a região, em outro momento registram-se as intenções das pessoas ligadas ao coronel: “no dia consecutivo a esta cena de sangue, reuniram-se todos os homens da política local em casa do coronel Leal, exigindo-lhe a retirada do Dr. Buarque, pondo-o fora desta vila.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:30). Como personagem que se fazia influente no meio político do Estado, a presença do padre Cônego Leitão neste episódio também merece aqui um destaque, pois o mesmo cita ter tido envolvimento no desenrolar dos acontecimentos: “não obstante,

entendi não ficar silencioso diante do fato do espancamento do Dr. Buarque Pedregulho. Foi assim que me achava ao lado da vítima em sua casa.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:31). É neste ínterim que ocorre o encontro do Coronel Leal com o Padre Cônego Leitão. Este se colocou ao que seus registros nos informam do lado do Dr. Buarque Pedregulho. Podemos observar a seguir:

“Nesta ocasião da entrada do coronel Leal que vinha em desempenho de levar a efeito o plano urdido pelos seus amigos, foi que tive de envolver-me na questão convicto de que o velho coronel não se atreveria a contraditar o tenebroso plano de seus amigos. [...] As razões apresentadas pelo coronel ao Dr. Buarque fui eu quem respondeu, com tom e energia de homem que não receia a morte nos momentos críticos.”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:31)

Portanto, tais ações nos levam a crer que a participação do Cônego Leitão no cotidiano de Castanhal era ativa, não se circunscrevendo apenas ao ofício religioso ou na atuação na educação, — o que por sua vez já nos demonstra certa influência —, mas também nos acontecimentos que ocorriam no dia a dia da região, em suas tramas políticas e sociais.

Assim, segundo deixa transparecer em seus escritos, Cônego Leitão se fazia bastante respeitado no meio, pois, do encontro com o coronel Leal surtiram efeitos em favor do Dr. Buarque como consta em seu registro: “o coronel acedeu, aceitando o meu conselho de telegrafar, pedindo a vinda da autoridade e de um médico”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:31). Portanto, a influência e o respeito que o padre impunha sugerem o seu caráter de liderança, detentor de conhecimentos, que utilizava bem o discurso a seu favor. Sobre isto, podemos considerar um possível diálogo entre o padre e o coronel, assim se posicionando: “não obstante, o lugar de autoridade que exercia [o juiz] acabava de sofrer um desacato inqualificável, que revertia em desmoralização da lei, nada honrando os povos de civilização do Castanhal.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:31). Logo, em seu discurso, utilizava o padre de vários argumentos para fazer o cumprimento da lei e a manutenção da ordem, estabelecendo uma ligação entre seus interesses e sua influência.

Como uma localidade que estava em processo de formação, Castanhal parecia enfrentar vários conflitos políticos, de acordo com o que podemos extrair das memórias do padre no livro de tombo. É assim, por exemplo, que o Cônego Leitão registra o outro episódio: uma desavença entre dois coronéis, o Leal e o Antonio Pinto Xavier. Os

acontecimentos partem da rixa entre dois moradores da região, senhor Xavier (que não era o coronel Antonio Pinto) e Belizário. De acordo com o padre, “Belizário que era protegido do Coronel Xavier intrigou-se com o vizinho (senhor Xavier). Um dia Belizário encontrando-se com este de madrugada, vindo aquele para Castanhal, desfeitou se com pancadas”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:32). Tal fato poderia não ser aqui digno de nota, talvez por se tratar de algo que pudesse ser corriqueiro em Castanhal, se não fosse o desenrolar do mesmo ter um desfecho criminoso, não que um crime mereça crédito, e também porque durante o percurso, o padre Cônego Leitão teria, segundo seus registros, participado dos acontecimentos.

“Era uma manhã de domingo quando Belizário esteve em minha sala de visita, onde referiu-me o que se estava passando com ele, vendo a necessidade de andar armado, por que cogitavam de mata-lo e que se queixava do Coronel Leal”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:32). Assim registra o padre em suas memórias, o que nos permite compreender, e ao mesmo tempo reforçar, a postura de um líder religioso que se fazia influente e importante em Castanhal, pois aos fatos ocorridos a ele parecia ser solicitada alguma forma de esclarecimento ou mesmo de intervenção. Sobre este, em particular, o Cônego se posiciona: “aconselhei-o para se acautelar e ser prudente.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:31). Portanto, ao que tudo nos insinua não só atento estava para os fenômenos ocorridos em Castanhal, como também buscava participação efetiva nas sucessões do cotidiano da região.

As ideias acima são reforçadas com o desenrolar do crime, que assim o padre descreveu: “saiu o pobre Belizário em procura do seu sítio ao chegar a uns 400 a 500 metros da rua na Estrada de Curuçá, recebeu um tiro que mísero sicário lhe enviou, enroscando atrás da árvore como serpente que esperava a vítima.” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:33). Às motivações do crime e o processo de apuração não nos cabe aqui levantar, mas se faz importante perceber os passos dados pelo padre nesses acontecimentos. Ele, em seus registros, informa que “de Belém veio um Prefeito, bacharel. [...] Um dia o referido Prefeito pediu-me para vir preso a sua presença o velho Domingos de Sant’Anna, criatura ao mando do Coronel Leal, pois que estava informado ser aquele o autor do crime”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:33). Mais uma vez os indícios nos fazem supor que a presença do padre em Castanhal era bastante significativa, não apenas no campo religioso, como também na vida social e

política, pois autoridade a ele foi dada para dar voz de prisão ao principal acusado do ocorrido crime. Sobre estes fatos, a fonte nos sugere pensar que o mesmo não se escusava de tomar parte no que se sucedia na região, pois conta o padre: “não neguei o meu concurso ao senhor Alfredo e me dirigi ao sítio de Leal expondo-lhe o que havia, e pedia-lhe condução para os soldados encarregados da prisão de Domingos” (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:33).

De realizador de ofício religioso e executor de atividades educacionais, o padre parecia exercer influente papel de mediador de conflitos sociais, pois assim se colocava nos trâmites do cotidiano ao registrar que “Domingos veio ter comigo e eu mandei ao Prefeito, prevenindo-lhe que se a autoridade entendesse tê-lo preso, não fizesse questão, nem se opusesse. Felizmente nada houve de anormal”. (LIVRO TOMBO, 1911 – 1922:34). Seus registros, deixado no Livro de Tombo da Freguesia de São José de Castanhal, portanto, nos apontam uma atuação enquanto autoridade religiosa ativa e (por que não?) muito respeitada. Personagem pública que, ao que tudo nos indica, traçou o objetivo de ser influente em Castanhal e que ao passo de arranjos políticos parece ter sabido bem aproveitar-se das circunstâncias que vivenciou, soube tirar proveito e construir sua imagem na região, de padre, professor e político, inteligente e argumentador.

Portanto, ao longo da pesquisa para a realização deste trabalho e de posse do Livro de Tombo da Paróquia de São José em seus anos iniciais (1911 a 1922), com o qual tivemos acesso aos registros escritos pelo Cônego Leitão, pudemos compreender um pouco sobre a história de Castanhal. As impressões dali extraídas fazem referência às muitas memórias do padre, desde o momento em que esteve na região, (e até mesmo uma memória que remete há tempos anteriores, isto ainda no Ceará) nos possibilitou compreender o espaço da vila Castanhal como marcado por múltiplas experiências de conflitos, de relações políticas, de poder, a partir das impressões registradas pelo Cônego Luis Leitão.

Experiências vividas por um número muito grande de migrantes de várias localidades do atual nordeste brasileiro como Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí que se instalaram entre finais do século XIX e início primeiras décadas do século XX na vila de Castanhal. A pesquisa nos revelou que por mais que se tratasse de uma vila do interior do Pará, tal espaço foi marcado por relações conflituosas entre os diversos personagens que se

faziam representar, por meio de títulos que lhes auferiam certo *status*, como por exemplo, o de *coronel*, em disputas políticas pelo controle da região.

Foi nesse meio que se instalou o Padre Luis Leitão, cearense, que desde a sua saída do Ceará até sua estada no Pará, teceu uma rede de relacionamentos notadamente influente no meio político. Esteve com os governadores Dr. José Paes de Carvalho e seu sucessor o Dr. Augusto Montenegro, e também com um dos principais personagens políticos de Belém, o intendente Antônio Lemos. Foi assim que estabeleceu algumas metas para a região: como a construção de uma Igreja, a qual batizaria de São José e de uma escola. Mas não apenas do ministério religioso vivia o padre, pois em seus registros fica clara sua participação ativa no ofício educacional, no primeiro Grupo Escolar da região.

Ao que tudo indica tanto a Escola quanto a Igreja foram os primeiros passos dados no sentido de instalar em Castanhal as ideias de modernização e civilidade, ideais muito em voga no início do século XX, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Este projeto, até onde consta nos escritos, era um dos objetivos do padre. Assim, depreende-se que com suas atividades, o Cônego Leitão estava imbuído de implantar seus valores na região, seja no discurso cristão católico, seja também como educador. O mesmo se pode deduzir em relação às questões políticas e sociais em que esteve envolvido, pois o padre acompanhava de perto os conflitos e intrigas, como foi o caso relatado do espancamento de um juiz de direito, Dr. Buarque, que viria atuar em Castanhal e do assassinato de Belizário, ao que tudo indica, um proprietário de terras.

Contudo, é importante considerar que as informações descritas neste trabalho fazem parte dos fragmentos da memória do Cônego Leitão, suas impressões, e (por que não?) intencionalidades, talvez no sentido de criar uma imagem positiva que perdurasse para a posteridade, portanto, merecedora de análises, interpretações e esclarecimentos de fatos construídos por um sujeito e suas referências religiosas.

Vale ressaltar que se trata de um trabalho que teve como fonte de investigação o livro de tombo de uma paróquia, que nos permitiu compreender um tempo e um espaço, os sujeitos sociais em suas diversas e múltiplas experiências. Talvez nos faltasse cruzar as ideias com outras fontes, como por exemplo, os escritos da época, jornais e/ou outros documentos que

pudessem nos apontar novos caminhos; mas aqui deixamos variáveis que podem ser levantadas a fim de preencher as lacunas deste trabalho. Não que tais “brechas” tenham sido intencionais, mas permitirão apontar intervenções e novas possibilidades a serem trilhadas, quando identificadas pela leitura atenta e minuciosa do leitor, assim como pude observar, mesmo que com alguma dificuldade, os passos do Cônego Leitão, do Ceará ao Pará.

FONTES

Falas e mensagens dos presidentes de província e governadores (<http://www.crl.edu>)

Presidente da província e Governadores do Estado do Pará (1903, 1904)

Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1903 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado. IN: *Center for Research Libraries-Global Center Network*. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2437/000030.html>> Acesso em: 10/10/2011.

Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1904 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado. IN: *Center for Research Libraries-Global Center Network*. Disponível em: < <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2438/000045.html>> Acesso em: 10/10/2011.

Paróquia de São José – *Livro de Tombo da Freguesia de São José de Castanhal*, 1911 – 1922.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Virando Séculos: 1890 – 1914 – No tempo das certezas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.

CHALHOUB. Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo. Companhia das Letras. 1996. p. 15.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo, Editora da Universidade de Campinas - SP, 1990.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889/1916)**. Belém: Editora Açai / Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LACERDA, Franciane Gama. **Cidade, memória e experiência ou cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX.** In: FENELON, Déa. Cidades. São Paulo: PUC/SP História Olho d'Água, novembro, 1999. p. 200.

PORTELLI, Alessandro. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. IN: FENELON, D. R. et al. **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzido a Belle-Époque.** Belém: Paka-Tatu, 2000.

SOUZA, Hugo Luiz. **Castanhal e suas raízes: evolução de uma cidade.** Castanhal-Pará. Edição do autor, 2010, p. 30.

THOMSON, A. Reconpondo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História.** São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.